

# PEIXES-BOIS DAS PRAÇAS DO RECIFE – A HISTÓRIA DE UM SÉCULO DE CONVÍVIO E ADMIRAÇÃO DOS PERNAMBUCANOS A ESTES ANIMAIS

MANATEES FROM THE RECIFE'S PARKS - THE STORY OF A CENTURY OF PERNAMBUCO'S CONVIVIALITY AND ADMIRATION FOR THESE ANIMALS

Submetido em 01 de junho de 2020

Aceito em 18 de agosto de 2020

Fabia Oliveira Luna

*fabialunacma@gmail.com*

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/  
Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos  
Santos – São Paulo – Brasil

Fernanda Loffler Niemeyer Attademo

*niemeyerattademo@yahoo.com.br*

Centro de Pesquisa e Monitoramento Ambiental - CEMAM  
Projeto Cetáceos da Costa Branca (PCCB)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PCCB)  
Natal – Rio Grande do Norte – Brasil

## Resumo

A exploração do peixe-boi-marinho no Brasil é documentada desde o período inicial da colonização. A caça desses animais ocasionou a redução do tamanho das populações e a sua extinção em algumas regiões, como em parte do litoral de Pernambuco. No passado, as comunidades das cidades de Olinda e Recife o utilizavam como fonte de alimento, sendo iniciada, neste período, a primeira relação entre pernambucanos e os peixes-bois. Este trabalho teve como objetivo retratar a trajetória de Xica e demonstrar o elo emocional entre os peixes-bois e a comunidade recifense, ligando memória, espaço e meio ambiente. No início do século XX, os recifenses voltam a ter uma forte relação com os peixes-bois quando alguns animais passaram a viver em praças e parques públicos da cidade. Neste momento, a sociedade muda a percepção e começa a admirá-los em momentos de lazer. Esse ciclo de animais cativos e

visitação durou mais de um século, com início em 1909, quando Chico chegou a Praça da República, e teve seu encerramento em 2015 com o fechamento da visitação aos animais na Ilha de Itamaracá. Entretanto, o peixe-boi permaneceu na memória dos pernambucanos, sendo Xica, a mais visitada até hoje. Chica é, também, considerada uma “celebridade” e mascote de Recife.

**Palavra-Chave:** Peixes-bois; Recife; praças; Xica

### Abstract

The use of Atillean manatees in Brazil has been registered since the county's colonization. The poaching of these animals is responsible for the populations' size reduction and their extinction in some areas, as part of the coast of Pernambuco state. In the past, communities in the cities of Olinda and Recife used manatees as a source of food, being in this period the first main relationship between Pernambuco and manatees. The goal of this work is to revise Xica's trajectory and demonstrate the emotional link between manatees and the Recife community, linking memory, space and environment. At the beginning of the 20th century, people from Recife returned to have a strong relationship with manatees when some animals started to live in public squares and parks in the city. At this moment, society changes perception and begins to admire them at leisure time. This cycle of captive animals and visitation lasted more than a century, beginning in 1909, when Chico arrived at “Praça da República”, and ended in 2015, when the visitation to animals on Itamaracá Island has finished. However, manatee remains in the memory of Pernambuco Society. Xica is the most ever visited manatee. It has been considered a “celebrity” and mascot of Recife.

**Keyword:** Manatee; Recife; public squares; Xica

### Introdução

Os mamíferos aquáticos são animais que vivem exclusivamente ou em grande parte do ciclo de vida na água, sendo de três grupos principais: pinípedes, cetáceos e sirênios (HANKE e DEHNHARDT, 2013). Em cada um destes grupos existem características morfológicas, biológicas e ecológicas que os diferem entre si, possuindo em comum somente os hábitos aquáticos (DIERAUF e GULLAND, 2001).

A Ordem Sirenia (ILLIGER, 1811) se originou na região da Jamaica, no período do Paleoceno, a partir de um animal identificado como *Pezosiren portelli* (UHEN, 2007). No entanto, esta espécie vivia entre o ambiente terrestre e aquático e, com a evolução, passou a viver somente no meio aquático (REEP e BONDE, 2006).

Os sirênios estão entre as espécies mais ameaçadas de extinção e se dividem em duas famílias: Dugongidae e Trichechidae, com quatro espécies ainda viventes: dugongo (*Dugong dugon* MÜLLER, 1776), peixe-boi africano (*Trichechus senegalensis* Link, 1795), peixe-boi amazônico (*Trichechus inunguis* Natterer, 1883) e o peixe-boi marinho (*Trichechus manatus* Linnaeus, 1758), este subdividido em duas subespécies, peixe-boi marinho das Antilhas (*Trichechus manatus manatus* Linnaeus, 1758) e peixe-boi da Flórida (*Trichechus manatus latirostris* Harlan, 1824) (REEP e BONDE, 2006).

No Brasil são encontradas duas das quatro espécies de sirênios que atualmente vivem no mundo: o peixe-boi-marinho, e o peixe-boi-amazônico (LUNA et al, 2018; SILVA et al, 2018). O peixe-boi-marinho vive na região costeira do Norte e Nordeste do Brasil, abrangendo desde o litoral de Alagoas até o Amapá, já tendo sido extinto desde o estado de Sergipe até o Espírito Santo (Whitehead, 1978; Luna et al 2008a).

Os peixes-bois são mundialmente conhecidos como *manatee* ou *manati* (REEP e BONDE, 2006). No Brasil o seu nome popular é “peixe-boi”, possuindo nomes indígenas como *Guaraguá* ou *Guarabá* em tupi yuarauá (FERREIRA, 1986) e *Igarakuê* em Tupi-guarani.

As causas para a diminuição populacional dos sirênios são variadas para cada espécie, assim como entre as áreas de ocorrência. A vaca-marinha de Steller, por exemplo, ocorria na região do Alasca e Rússia e, apenas 27 anos após sua descoberta, foi extinta devido às ações antrópicas como a caça indiscriminada (REEP e BONDE, 2006). Assim como a vaca marinha, as espécies brasileiras também sofreram grande exploração de caça no passado, sendo que hoje isto ainda persiste para a espécie amazônica (ROSE, 2008).

O peixe-boi-marinho, até recentemente, se encontrava na categoria de “criticamente ameaçado” de extinção (CR). Com as medidas de conservação realizadas pelo Governo Federal, pesquisadores e Organizações não governamentais (ONGs), nos últimos 40 anos, a espécie passou a categoria de “em ameaça” (EN) (LUNA e PASSAVANTE, 2010; LUNA et al, 2018).

A interação antrópica vem sendo, desde o passado, uma das principais causas de ameaça para a espécie (LUNA et al, 2018). A caça do peixe-boi no Brasil foi muito intensa nos primeiros séculos após o descobrimento, sendo a carne, o couro e gordura de peixes-bois utilizados com diversas finalidades, como na cozinha, em construções, na indústria, como medicamentos, e

outros (LUNA, 2008b; LUNA e PASSAVANTE, 2010). Essa exploração ocasionou a diminuição da quantidade de animais nos países e, inclusive, eliminou a presença da espécie algumas regiões, como por exemplo, até recentemente, em parte do litoral Pernambucano (LUNA, 2008a). Entre as causas naturais que levaram os sirênios à ameaça de extinção, quando estão sob alta pressão predatória, estão: a lenta reprodução da espécie, seu comportamento dócil, que permite a aproximação de seres humanos e a suscetibilidade de serem acometidos por doenças infecciosas (BOSSART et al., 2002; RECTOR et al., 2004; REEP e BONDE, 2006; BOSSART, 2007).

Com o advento de legislações de proteção à fauna e com ações de conservação do peixe-boi, a caça reduziu, mas outras ameaças tais como a perda de habitat, choque com embarcações e ingestão de lixo, ainda permanecem (BORGES et al 2007; LUNA et al 2008b; Luna e Passavante, 2010; ATTADEMO et al, 2015). Por outro lado, ao mesmo tempo que a espécie deixou de ser utilizada como caça, passou a ser reconhecida também de forma carismática, em especial pelos pernambucanos.

Este trabalho pretende estudar as relações históricas entre a sociedade pernambucana e o peixe-boi marinho, construindo um elo emocional entre os animais e a comunidade recifense, ligando memória, espaço e meio ambiente. Este é o primeiro estudo sobre esta relação, dando destaque à Xica, peixe-boi que viveu na praça do Derby e na Ilha de Itamaracá, se transformando numa “celebridade” e mascote de Recife. Por meio de memórias culturais, reportagens, artigos e contos, acompanhamos como a espécie se tornou parte do imaginário e das lembranças de muitos recifenses e turistas.

### **Peixe-boi marinho e Pernambuco**

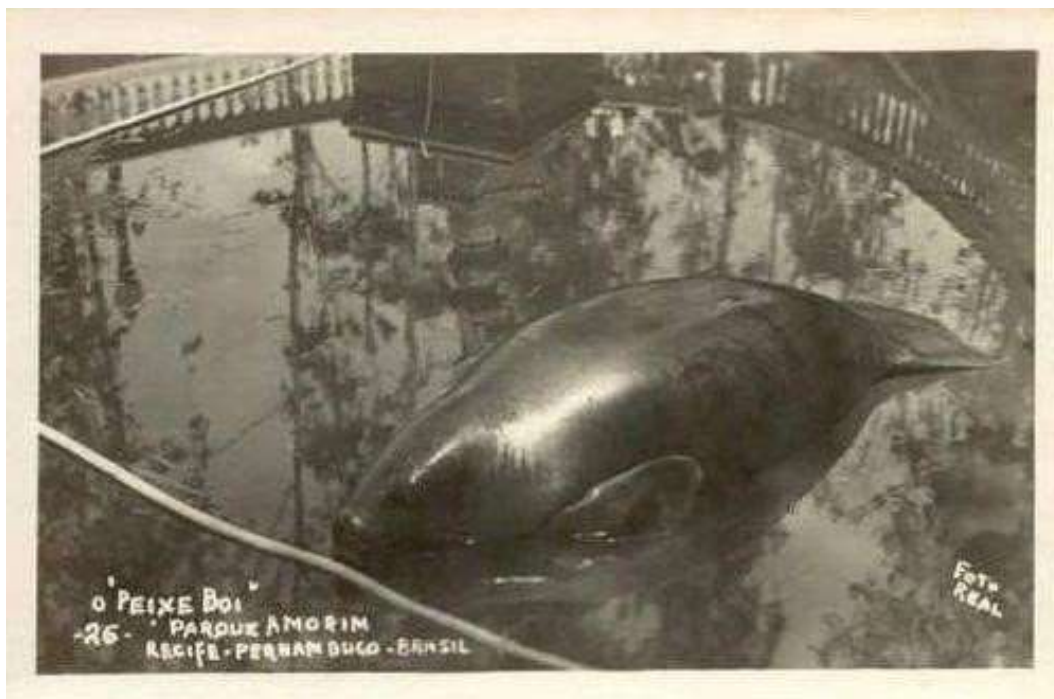
O relato de WHITEHEAD (1978) leva a um entendimento de que os peixes-boi tenham sido utilizados como alimento pela população de duas cidades (Recife e Olinda), já populosas no século XVII, o que potencialmente foi o motivo da extinção da espécie nesses municípios. E essa teria sido a primeira importante relação entre os recifenses e os peixes-bois, que mataram a fome da população com o alto preço da sua extinção, regionalmente.

ROCHA (1971) e WHITEHEAD (1978), relataram que a relação de Pernambuco com os peixes-bois já ocorria desde século XVI, ainda na época do descobrimento do Brasil, por volta do ano de 1516. WHITEHEAD (1978) descreve que, nesta região, havia muitos peixes-bois e que o consumo da carne destes animais era comum. E ,destaca, que no período de ocupação de Olinda e Recife pelos holandeses, a sociedade de ambas cidades passou por muita fome, sugerindo que a extinção da espécie no litoral, desses municípios, tenha ocorrido em função de servir como alimento para seus residentes. Nos séculos seguintes, fora os aspectos de caça, nada se tem de registro sobre os Pernambucanos e os peixes-bois. Somente no século XX, esta relação volta a ser narrada, dessa vez, através de uma relação de convívio e admiração, começando a fazer parte da memória e cultura pernambucana.

PARAISO (2003) relata um peixe-boi que viveu na Praça da República e, posteriormente, levado para a praça do Amorim, entre os anos de 1909 e 1942 (Figura 1), morrendo aos 33 anos. Não se tem registros sobre a causa de morte deste animal e nem sobre como se deu a sua chegada em Recife, mas possivelmente foi onde ou quando? se iniciou esta relação (afetiva não seria melhor? Já repetiu muitas vezes, cultura) cultural com os peixes-bois. O poeta e escritor paulista, Mario de Andrade, quando esteve em Recife em agosto de 1928, descreve a visita que fez ao peixe-boi do Parque Amorim (LIRA, 2005).

A praça do Amorim, local escolhido para abrigar estes primeiros peixes-bois, era na época Parque Amorim, um dos espaços públicos mais visitados pelos recifenses, possuindo um tanque para os animais, no meio dos eucaliptos ali plantados (GOETHE, 2017). Com a morte de Chico, outro peixe-boi, chamado Serênio, foi mantido no Parque Amorim e na Praça do Derby. Não foram encontrados relatos descrevendo a vida desse animal e por quanto tempo permaneceu no local, mas Serênio também foi exposto para visitação e tornando-se um atrativo turístico da cidade.

Figura 1: Peixe-boi na praça do Amorim, Pernambuco.



Fonte: arquivo Melo, 2018

Em 1940, Nelson Ferreira, compositor pernambucano da época e um dos pioneiros do Frevo, compôs uma música para Chico, “o peixe-boi da praça do Amorim”. A música “Peixe-boi” fez parte em 1959 do álbum/tributo: “O que eu fiz e você gostou! Carnaval cantado de Nelson Amorim” do artista Claudionor Germano, na gravadora Mocambo. Na composição de Nelson, o compositor ironiza a cultura familiar pernambucana “brincando” com um personagem feminino que saiu de casa com algum desconhecido e não mais voltou e que, provavelmente por vergonha, a família silenciou-se e a exemplo do que acontecia com os botos, o peixe-boi “encantava” as moças (SANTANA, 2019).

Ela saiu de casa e nunca mais voltou /quem foi que a roubou? quem foi? quem foi? / você vai responder por que o mundo anda a dizer: foi foi foi foi, foi o peixe-boi / o peixe-boi, porém, vive tão feliz / que às vezes fora d’água só põe o nariz / no entanto eu estou vendo que desse jeito/o coitado está levando famas em proveito” (Música de Nelson Ferreira: Peixe-boi (1940); LP “ O que eu fiz e você gostou”)

As informações sobre este período, muitas vezes, não são claras nas referências, não sendo possível precisar quantos foram os peixes-bois que existiram na primeira metade do século XX nas praças de Recife, nem suas origens e mortes. Provavelmente, desde as primeiras décadas, de forma ininterrupta, o peixe-boi vem fazendo parte da cultura pernambucana. Da praça do Amorim, posteriormente, os peixes-bois foram transferidos para a praça do Derby (GOETHE, 2015; GOETHE, 2017), mas são poucos os registros sobre esta mudança, a qual foi ocasionada pela redução, drástica, do Parque para expansão da Avenida Agamenon Magalhães, nos anos 50.

Os peixes-bois, desta época, também inspiraram outro compositor pernambucano, Willy Corrêa de Oliveira, que em parceria com o quinteto “A truta” D667 de Schuber, transcreviam com humor, por meio de suas partituras, as lembranças de infância de Willy com o pai, durante visitas ao peixe-boi na praça do Amorim (BONIS, 2014). De acordo com o mesmo autor, a obra de Willy com o quinteto A truta e o peixe-boi (1998), dividia-se em quatro painéis, chamados de “aquários”. O segundo “aquário” refletia a lembrança de Willy, o pai e o peixe-boi (Figura 2). Este é, mais um exemplo, da forte influência dos peixes-bois na memória e na arte pernambucana.





até o Recife foi realizada por membros da família Rabelo, durante a noite, para evitar exposição do animal ao sol. Na caçamba de uma caminhonete, amarrada em uma escada, foram percorridos cerca de 65 km em uma hora e meia, chegando a Praça do Derby, onde havia um tanque com profundidade entre 1,20 e 1,30m, em que o animal foi colocado. Já no novo local, tempos após a transferência, verificou-se que o animal era uma fêmea e seu nome foi trocado para Xica.

Um casal de peixes-bois marinhos, capturados na foz do rio Pitimbu, município de Goiana, foi mantido de 1971 até julho de 1973 no zoológico de Recife (SILVEIRA, 1975). Segundo o mesmo autor, os animais, a fêmea com 190kg e 223 cm de comprimento total e o macho com 215kg e 230cm, eram dois juvenis. O autor também relata, que ao mesmo tempo, no zoológico do Recife, dois outros peixes-bois, chegaram oriundos do estado do Rio Grande do Norte, mas vieram à óbito 4 meses após a chegada, em função da adição de cloro na água. Dentre os dois animais que sobreviveram, segundo WHITEHEAD (1978), a fêmea foi levada para o zoológico do Rio de Janeiro, mas não se encontraram outros registros deste animal e nem a confirmação do destino do macho, o qual, pode ter sido, um dos peixes-bois que posteriormente viveu com Xica na praça do Derby. Em março de 1983, outro peixe-boi, um filhote macho, também chamado de Chico, foi transferido para o recinto do Derby fazendo companhia a Xica (Figura 3). O Chico permaneceu pouco tempo no Derby, tendo sido cruelmente morto, por pedradas, em novembro de 1984 (ASPAN, inf.pess).

Figura 3 – Xica e Chico no pequeno e raso tanque na praça do Derby, Recife.



Fonte: Arquivo Diário de Pernambuco.

Xica permaneceu na praça do Derby por 22 anos, quando em fevereiro de 1992, foi novamente transferida, dessa vez, retornando ao litoral norte do Estado. Nesta época, liderado pela Associação Pernambucana de Defesa da Natureza- ASPAN, um grupo formado por ambientalistas, professores e parte da população, sensibilizados com a condição em que Xica vivia na praça do Derby e, realizaram uma manifestação para a retirada de Xica da Praça (Figura 4). O objetivo era levá-la para a recém-inaugurada base do Projeto Peixe-boi/IBAMA (atualmente uma unidade do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos – ICMBio/CMA), localizado na Ilha de Itamaracá. Após o manifesto e com o apoio do ICMBio/CMA, Xica foi então levada para a Ilha de Itamaracá. A transferência de Xica fechou um ciclo de mais de 80 anos (1909 a 1992) em que peixes-bois eram colocados em exposição para apreciação na capital pernambucana.

Figura 4: Manifesto realizado em 1992 para retirada de Xica do recinto inadequado na Praça do Derby/Recife.



Fonte: Luiz Fernando Guedes de Moraes - Acervo CEDIA/ASPAN

Durante o período em que Xica esteve no tanque de Recife, recebeu visita de milhares de pessoas e foi atração dos passeios dos domingos, de forma que ela marcou a vida dos pernambucanos e de inúmeros brasileiros, sendo até hoje lembrada e conhecida como o peixe-boi do Derby. Quando ela foi transferida, GUERRA (2003) relata que a praça, antes frequentada por famílias, casais de namorados e visitantes, foi se esvaziando e tornou-se um lugar perigoso para os “passeios de domingo”.

No período em que Xica permaneceu nesse recinto, somente conseguiu nadar em um único sentido e sem mergulhos, por ser um recinto inapropriado para a espécie e, por estas razões, adquirido escoliose na coluna vertebral e na região lombar. Ela também possuía uma grande cicatriz na região dorsal causada por queimaduras por exposição ao sol (Figuras 5 e 6). Possivelmente, esta cicatriz pode ter sido adquirida por causa de objetos (garrafas, pedras, etc), que eram lançados em direção ao animal, causando ferimentos e tendo sido agravada pela

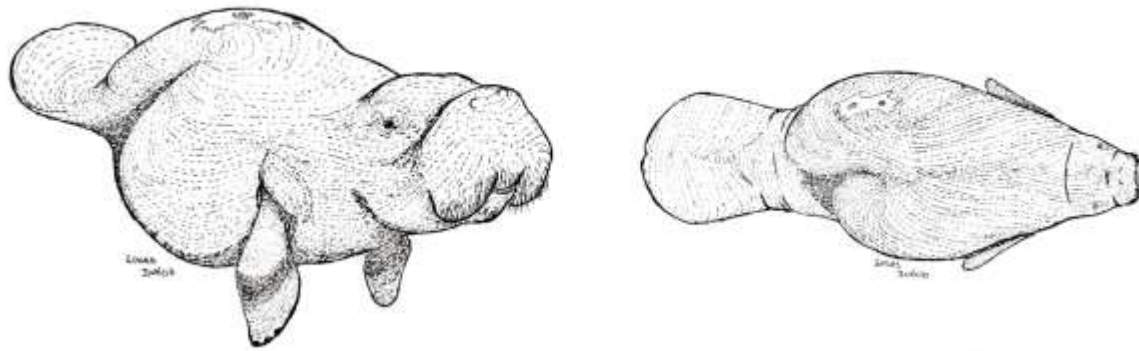
incidência direta do sol, em função da baixa profundidade do recinto. Além disso, há relatos, de que algumas pessoas forneciam alimentos inadequados (como pipoca, chiclete) e, inclusive, tentaram agredi-la com uma faca. Esta característica física de Xica, veio a inspirar muitos artistas, não somente pernambucanos, mas de outros locais do Brasil, como o jovem potiguar Lucas Inácio (Figura 6).

Figura 5: Xica no oceanário do ICMBio/CMA na Ilha de Itamaracá, com evidencia da escoliose na coluna e no detalhe, a cicatriz na mesma região, ambos adquiridos durante o tempo em que viveu na praça do Derby.



Fonte: Fábria Luna, acervo ICMBio/CMA

Figura 6: Ilustração do jovem artista potiguar, Lucas Inácio, inspirado nas alterações físicas de Xica



Fonte: Acervo ICMBio/CMA

No início dos anos 90, houve uma marcante alteração na relação dos recifenses com os peixes-bois, já que para visitá-los, passaram a ter que se deslocar até a Ilha de Itamaracá. Não muito distante da capital, cerca de 70 km. Parte do trajeto era feito por uma estrada pequena e, de carro, o percurso podia ser realizado entre uma hora e uma hora e meia, a depender do dia da semana. Aliada à distância, esse deslocamento é mais complicado quando realizado em transporte público, sendo necessária a troca de veículos por mais de uma vez. Isso fez com que os recifenses reclamassem da transferência de Xica, pois, acostumados a dar um “pulinho” no bairro do Derby, consideravam uma verdadeira viagem, ir à Ilha ver Xica. Não dava mais para ser um passeio de uma tarde, em vários domingos.

O peixe-boi continuou fazendo parte da cultura popular de Pernambuco. Dentre as histórias contadas sobre as lembranças de Xica no Derby, Rosinha escreveu suas memórias em seu livro infantil “Xica” (ROSINHA, 2011). Neste sensível relato, tanto se percebe a doce presença de Xica na infância de Rosinha e quanto foi importante, para o bem-estar dela, a transferência para a Ilha de Itamaracá.

Xica está na minha vida desde sempre. Visitá-la era um passeio corriqueiro na minha infância. Os sentimentos que guardo desses encontros são de profundo carinho e amizade, ao lado de tristeza e compaixão. É cruel demais aprisionar

um animal, e, da forma como aconteceu com esse peixe-boi, é inominável. Apesar de permanecer em cativeiro, pela simples impossibilidade de retorno ao seu habitat natural, Xica nada hoje em águas mais abundantes e é tratada com respeito e dignidade (ROSINHA, 2011)

Nesta nova fase, ainda com permissão de visitação aos animais em Itamaracá, os animais, em Pernambuco, passaram a ter um centro especializado no qual eram mantidos com a principal finalidade de conservação. Mesmo com as dificuldades relatadas, muitos recifenses se deslocavam até Itamaracá para ver Xica e se convenciam de que a transferência foi melhor para Xica, pois, ali, havia uma estrutura mais adequada e confortável para ela. Nas dependências do ICMBio/CMA, Xica recebia todos os cuidados necessários e vivia em oceanários grandes e profundos, o que possibilitou que ela atingisse o peso da espécie e pudesse conviver na companhia de outros peixes-bois.

Com o passar dos anos, o Projeto peixe-boi permaneceu sendo um importante destino de escolas e famílias durante os fins de semana e férias. A história dessa relação com os peixes-bois vem transferindo, nas famílias, o amor pelos animais de geração em geração, com atividades de educação socioambiental, realizada pelo ICMBio/CMA. Em Itamaracá foi implantado o cinema peixe-boi (Figura 7A) como um atrativo para o público e para a sensibilização dos visitantes sobre a conservação da espécie. Neste cinema, eram exibidos filmes sobre os peixes-bois, incluindo a mascote Xica. Na área de convivência de visitantes (Figura 7B), além da visita ao peixe – boa, eram realizadas atividades lúdicas, com as crianças, transformando o passeio num programa marcante para toda a família.

Figura 7: Área de visitação do Projeto peixe-boi na Ilha de Itamaracá, destinada à visitação de famílias, escolas e turistas. A: Cinema peixe-boi destinado à visitação; B: área de convivência de visitantes.



Fonte: Acervo ICMBio/CMA

Mesmo um pouco mais longe, a visita ao peixe-boi, agora na Ilha de Itamaracá, continuou a ser um doce passeio de família e turistas em Pernambuco. Muitos pais e avós, embalados nas memórias de infância dos peixes-bois nas praças de Recife, levaram suas crianças para visitar o novo lar dos peixes-bois. Nestas visitas, contavam suas lembranças, de quando eram mais jovens, tendo Xica como um, importante, elo de memória entre o passado e o presente, ligando gerações. Assim, os peixes-bois continuaram a ser fonte de inspiração para diversos artistas, como o Poeta, escritor e ilustrador, Walter Moreira Santos. Junto com o compositor e cantor, também, pernambucano, Zé Manoel, Walter Moreira Santos escreveu “O poema do Peixe-boi” (SANTOS e MANOEL, 2012).

### O poema do Peixe-boi<sup>1</sup>

Se a mãe canta dorme dorme dorme dorme  
boi boi boi para o filhinho (2x)  
com o peixe boi sonha o menininho  
se o peixe boi no fundo das águas depois de comer o limo  
cochila, talvez sonhe o peixe boi em ser menino  
como é doce o peixe boi o ser manso gordo e bovino  
a ti prometo o peixe boi que pra sempre o amarei mesmo dormindo  
mesmo dormindo, mesmo dormindo

(Poema do Peixe boi, Walter Santos e Zé Manoel, 2012)<sup>1</sup>

Em dezembro de 2013, quando completou 50 anos, Xica, por toda a história já descrita e pela notória importância para Pernambuco e para a conservação da espécie, teve uma grande comemoração. A festa contou com a presença da artista Lúcia Verissimo, que se encantou com a “vovó Xica” e se tornou a madrinha desta encantadora peixe-boi (Figuras 8 A e B).

---

<sup>1</sup> SANTOS, W. M.; MANUEL, Z. Poema do Peixe boi, faixa 6. In: Santos, W.M. **O inventor do Sorriso**. São Paulo: Melhoramentos, 32p. Disponível em: <https://soundcloud.com/zemanoel/poema-do-peixe-boi-ze-manoel>. Acesso em 06 de abril de 2020.

---

LUNA, Fabia Oliveira; ATTADEMO, Fernanda Loffler Niemeyer. Peixes-bois das praças do Recife – a história de um século de convívio e admiração dos pernambucanos a estes animais. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 05, n. 02, p. 373 – 393, 2020. ISSN: 2525-6092



Figuras 8: Comemoração de 50 anos de Xica com a presença da madrinha Lúcia Verissimo. A: Lúcia Verissimo com o “bolo” de aniversário para Xica feito com verduras e legumes (alimentos ofertados aos animais em cativeiro). B: Homenagem à Xica, com bolo distribuído durante a comemoração.



Fonte: Acervo ICMBio/CMA.

Xica, infelizmente, veio a óbito com a idade aproximada de 52 anos em junho de 2015, já considerada idosa para a espécie. Entretanto, ela deixou um marco na vida dos recifenses, pois foi graças as visitas à ela que muitos puderam conhecer o peixe-boi, saber sobre as atuais ameaças que sofrem na natureza e se sensibilizaram sobre a importância desses dóceis animais, passando, assim, a apoiar a conservação deles e de seu habitat.

A exposição do público aos peixes-bois, não aptos à soltura na natureza, perdurou por mais de 20 anos na Ilha de Itamaracá. Esta aproximação entre os visitantes e os animais por meio da visita, possuía como, principal, objetivo dar oportunidade à sociedade de conhecer uma espécie de difícil visualização na natureza. Com isso, por meio de trabalhos de educação ambiental e ensinamentos sobre o peixe-boi, procurava-se realizar a sensibilização das pessoas sobre a importância de sua conservação.

Em 2015, ano do óbito de Xica, as atividades de visita aos peixes-bois em Itamaracá foram suspensas e a sede do ICMBio/CMA foi transferida para o litoral do estado de São Paulo. O manejo, a pesquisa e as ações de conservação de peixe-boi-marinho realizadas pelo ICMBio, e

reconhecidas internacionalmente, permaneceram ocorrendo até os dias atuais, mesmo sem a participação do público.

Durante o tempo em que ocorreu visitação aos animais, o projeto peixe-boi passou a compor um dos atrativos turísticos oficiais do estado de Pernambuco, principalmente no litoral Norte. Desta forma, contribuiu para o desenvolvimento de vários setores com o de receptivos, hospedagens e alimentação com incremento do uso desses serviços, já que a visitação chegou a mais de 70 mil pessoas ao ano. O fechamento implicou em um impacto negativo nos setores citados, em especial na Ilha de Itamaracá, que tinham o Projeto peixe-boi como seu principal atrativo. Além do impacto econômico e social, a descontinuidade da atividade, provavelmente afetou, também, a memória afetiva dos pernambucanos em relação a cultura de visitação aos animais.

No reconhecimento da importância da visitação, tanto para a conservação da espécie, como para a história pernambucana e para a economia do local, o ICMBio/CMA, que voltou a gerir a área em 2020, vem traçando junto com os gestores do órgão, uma estratégia para a reabertura do Centro de Visitantes. Para a retomada da atividade, com a excelência necessária, e promovendo o turismo na região, se busca fortalecer a relação dos visitantes com os animais, para que as famílias possam continuar transferindo suas memórias afetivas em relação ao peixe-boi, entre gerações. O peixe-boi é, certamente, uma espécie bandeira do estado de Pernambuco.

### Considerações finais

Embora os registros, aqui expostos, tenham demonstrado que, ao menos, oito peixes-bois foram mantidos, em algum momento, nas praças e zoológicos de Recife, não se tem certeza da quantidade de animais, que pode ser maior. Não há registros de que, em suas respectivas épocas, os peixes-bois que passaram pelas praças pernambucanas tenham sido considerados “celebridades”, exceto Chico (1909-1942), o primeiro animal cativo, e Xica (1963-2015).

Praticamente, também, não há documentação, oficial ou não oficial, sobre a destinação ou a causa da morte destes animais. Certamente, os recintos em que eles foram mantidos, eram inapropriados. É provável que todos tenham vivido com uma dolorosa limitação de espaço, bastando, para isso, observar o tamanho dos tanques (Praça da República, Parque Amorim e

Praça do Derby), inadequados para presença de um animal, quanto mais para dois, como chegou a ocorrer na Praça do Derby.

Esse trabalho permitiu identificar que o peixe-boi, mascote do Recife, na verdade foram os peixes-bois, no plural. Eles marcaram a sociedade recifense por mais de um século. A cultura de manutenção desses animais para exposição, convívio nas atividades corriqueiras dos cidadãos e admiração em momentos de lazer e, inclusive, servindo como atração turística, foi registrada desde 1909, quando a cidade manteve Chico em cativeiro por 33 anos, e terminou em 2015, com o óbito de Xica.

A reabertura da visitação irá trazer aos pernambucanos a oportunidade de retomada de uma das suas atividades culturais secular: a de visitar peixes-bois nos seus dias de lazer.

### **Agradecimentos:**

As autoras agradecem aos *Chicos*, *Xica*, *Sirenio* e tantos outros peixes-bois que marcaram, de forma positiva, a memória dos pernambucanos transformando Recife na capital brasileira do Peixe-boi-marinho. Agradecem, *in memoriam*, ao servidor José Maria, pela sua dedicação de vida aos peixes-bois de Itamaracá.

### **Referências**

- ATTADEMO, F. L. N.; BALENSIEFER D. C.; FREIRE A. C. B.; SOUSA O. S.; CUNHA, F. A. G. C.; LUNA F. O. Debris ingestion by Antillean Manatee (*Trichechus manatus*). **Marine Pollution Bulletin**, Oxford. v. 101, n. 1. p. 284-287, 2015.
- BORGES, J. C. G.; VERGARA-PARENTE, J. E.; ALVITE, C. M. C.; MARCONDES, M. C. C.; LIMA, R. P. Embarcações motorizadas: uma ameaça aos peixes-boi marinhos (*Trichechus manatus*) no Brasil. **Biota Neotropica**, Campinas, v. 7, n.3, p. 199-204, 2007.
- DIERAUF, L. A; GULLAND, F. M. D. **CRC handbook of marine mammal medicine**. 2. ed. Boca Raton: CRC Press, 2001.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOETHE, P. Xica do Derby, de Itamaracá e da nossa história. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 jun. 2015. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2015/06/15/xica-do-derby-de-itamaraca-e-da-nossa-historia/>. Acesso em 14 mai. 2020.

GOETHE, P. O parque que se tornou lenda. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 fev. 2017. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2017/02/20/o-parque-que-se-tornou-uma-lenda/>. Acesso em 14 mai. 2020.

HANKE, W.; DEHNHARDT, G. Sensory biology of aquatic mammals. **Journal of Comparative Physiology A**, Berlin, v. 199, n. 6, p. 417-420, 2013.

LIRA, J. T. C. Naufrágio e Galanteio: Viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.20, n.57, p. 143-209, 2005

LUNA, F. O.; LIMA, R. P.; ARAÚJO, J. P.; PASSAVANTE, J. Z. O. Status de conservação do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus* Linnaeus, 1758) no Brasil. **Revista Brasileira de Zoociências**, Juiz de Fora, v.10, n.2, p. 145-153, 2008a

LUNA, F. O.; PASSAVANTE, J. Z. O. **Projeto Peixe-boi/ICMBio. 30 Anos de conservação de uma espécie ameaçada**. Brasília: ICMBio, 2010.

LUNA, F. O.; ARAÚJO, J. P.; LIMA, R. P.; PESSANHA, M. M.; SOAVINSKI, R. J.; PASSAVANTE, J. Z. O. Captura e utilização do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus*) no litoral Norte do Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 115-123, 2008a.

MELO, P. 5 fatos incríveis que fazem parte da história do Derby. **Por aqui**. Recife, 09 jan. 2018. Disponível em: <https://poraqui.com/gracas/5-fatos-incriveis-que-fazem-parte-da-historia-do-derby/#comment-7407>. Acesso em 30 abr. 2020.

REEP, R. L.; BONDE, R. K. **The Florida manatee biology and conservation**. Gainesville: University Press of Florida, 2006.

ROSE, P. M. Florida manatees: An overview of their Status and future risks. *In: III Florida Marine Mammal Health Conference*, University of Florida 2008, St Augustine, Florida, p.48-48, 2008.

ROSINHA. **Xica**. Recife: Peirópolis, 2011.

SANTOS, W. M.; MANUEL, Z. Poema do Peixe boi, faixa 6. In: Santos, W.M. **O inventor do Sorriso**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

ROCHA, N. B. Memória sobre um exemplar de *Trichechus manatus manatus* L., 1758 capturado em Goiana (Pernambuco). **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.101-103, 1971.

SILVEIRA E. K. P. The management of Caribbean and Amazonian manatees *Trichechus m. manatus* and *T. inunguis*, in Captivity. **International Zoo Yearbook**, Londres, v.15, n. 1, p. 223-226, 1975.

WHITEHEAD, P. J. P. Registros antigos da presença do peixe-boi do Caribe (*Trichechus manatus*) no Brasil. **Acta Amazônica**, Manaus, v.8, n.3, p 497-506, 1978.